

## Não me dão pena os vencidos

---

Num portal vermelho, em português do Brasil, Dorberto Carvalho escrevia, em Abril de 2004, que "Poesia não enche barriga, não mata lombriga, não dá camisa a ninguém".

Dizia ele que "Poesia não parece algo sério, não paga aluguel nem compra jazigo no cemitério". E "Poesia parece coisa de desocupado, de quem não tem o que fazer ou está desempregado".

Senhor Dorberto Carvalho reconhece que "Poesia é coisa de quem está sonhando, viajando ou fora da realidade". E diz mesmo que "Poesia não vale o que está escrito, poesia é o rito - ora brincado e imagens detrás das palavras".

E política? Não pode ser poesia? E poesia não pode ser política? Recordemos a "Ode à maçã", poema de Pablo Neruda. "Eu quero uma abundância total, a multiplicação de tua família. Quero uma cidade, uma república, um rio Mississippi de maçãs. E em suas margens, quero ver toda a população do mundo unida, reunida no acto mais simples de toda a terra: mordendo uma maçã".

Num outro registo, diz o insuspeito The Guardian que Saddam Husein, prisioneiro das tropas americanas que ocupam o Iraque, escreve poesia enquanto aguarda, há um ano, pelo seu prometido julgamento.

Há 13 anos, em Fevereiro de 1992, ano 1 de "a Página", Artur Queiroz, que então assinava uma crónica (Submarino Amarelo) neste espaço, recordava o Porto ao vôo da pomba e Nicolas Guillen, o poeta das Américas, que em tempos encontrara na Bodeguita del Medio, em La Havana a jurar conhecer bem a cidade do Porto e os bares da Ribeira.

Não era fingimento de poeta. Guillen tinha estado no Porto e disso dava conta num poema sobre bares incluído num livro de 1958 "La paloma de vuelo popular". "Búscame, hermano, y me hallarás // (en La Habana, en Oporto, // en Jacmel, en Shanghai) // con la sencilla gente // que sólo por beber y charlar // puebla los bares y tabernas // junto al mar".

É de Nicolas Guillen o célebre "Tengo" a cantar as glórias de uma Revolução que começava a despontar.

"Cuando me veo y toco // yo, // Juan sin Nada no más ayer, // y hoy Juan con Todo, // y hoy con todo, // vuelvo los ojos, miro, // me veo y toco // y me pregunto cómo ha podido ser. // Tengo, vamos a ver, // tengo el gusto de andar por mi país, // dueño de cuanto hay en él, // mirando bien de cerca lo que antes // no tuve ni podía tener. // Zafra puedo decir, // monte puedo decir, // ciudad puedo decir, // ejército decir, // ya míos para siempre y tuyos, nuestros, // y un ancho resplandor // de rayo, estrella, flor. // Tengo, vamos a ver, // tengo el gusto de ir // yo, campesino, obrero, gente simple // tengo el gusto de ir // (es un ejemplo) // a un banco y hablar con el administrador // no en inglés, // no en señor, // sino decirle compañero, como se dice en español. // Tengo, vamos a ver, // que siendo un negro // nadie me puede detener // a la puerta de un dancing o de un bar. (?)

Quem cantará, e a quem, este ter o que sempre se devia ter, agora que nos prometeram um novo rumo para Portugal?

Nessa mesma Página de Fevereiro de 1992, publicava-se o Aviso à Navegação, do poeta Joaquim Namorado, um aviso que era um manifesto de saques e de abordagens de um navio de capitão de fragata "cem vezes torpedeado // cem vezes afundado // Mas sempre ressuscitado". Como dizia o poeta Joaquim Namorado "não espereis de mim a paz, // aviso à navegação // não espereis de mim a paz // que vos não sei perdoar".

Lemos e releemos todas as sondagens e os resultados, num exercício repetido até exaustão? Como que a tentar adivinhar o porquê e a lógica do poema eleitoral que vamos passar, agora, a declamar.

"No me dan pena los burgueses // vencidos. Y cuando pienso que van a darme pena, // aprieto bien los dientes y cierro bien los ojos".